

José Roberto Santos Neves

As marchinhas vão bem, obrigado

José Roberto Santos Neves

neves-jose@uol.com.br

Há pelo menos 50 anos que só se fala em marchinhas de carnaval no pretérito perfeito, imperfeito e, às vezes, mais que perfeito. Nunca no presente, quanto mais no futuro. Mas quem acompanhou o Concurso Nacional de Marchinhas Carnavalescas – Prêmio Sérgio Sampaio, promovido pela Prefeitura de Vitória, e encerrado em grande estilo, no último dia 12 de agosto, no salão nobre do Saldanha da Gama, saiu de lá desconfiado de que esse papo de passado está mais parecendo frase feita pra boi dormir.

De fato, as marchinhas tiveram seu auge na Época de Ouro da música brasileira – de 1930 a 1945 -, período em que compositores célebres como Lamartine Babo, Braguinha e Noel Rosa deitaram e rolaram sobre versos repletos de malícia e duplo sentido, conduzidos pela típica levada de caxixa que se mantém inalterada até hoje, como o DNA de um gênero que se confunde com a história do nosso carnaval.

Nos anos 50, com a ascensão do samba-canção e o advento da bossa nova, as marchinhas entraram em declínio, e somente no início da década seguinte voltaram aos salões por meio da “Cabeleira do Zezé” e a “Mulata iê iê iê” de João Roberto Kelly. No entanto, após o golpe militar, elas foram praticamente exiladas da música brasileira, em parte pela censura, e também em função da modernização dos sambas-enredos, que se transformaram em um modelo empresarial lucrativo para as escolas e para os oportunistas ávidos por faturar em cima da cultura popular. A inocência havia se perdido.

Compositores

Mas, a notar por versos como “Mamãe me deixa ir para os States/Eu quero ver Chicago”; “Encomendei uma fantasia de Obama/Pensando em curtir meu carnaval/Recebi a de Osama/Fui enganado na maior cara de pau”; ou “Celina é uma menina gente fina/Mas troca o “S” pelo “CH”/Chama sapo de chapinho/O piu-piu de pacharinho/De todo bicho Celina quer cuidar”, tem-se a certeza de que as marchinhas continuam vivas na mente de compositores que se dedicam a encontrar um duplo sentido aqui e ali, uma picardia acolá, uma maneira criativa e irreverente de alfinetar os tabus, e de brincar muito, porque sem brincar a vida fica realmente difícil de se viver.

As letras citadas acima são, respectivamente, das marchinhas “Quero ver Chicago” (Laira Piuza Cirilo Silva), “Fantasia de Obama” (Nilton Fafá de Carvalho) e “Acha a China” (Roni Valk), três das 12 finalistas do concurso. A vencedora foi a marcha-rancho “Carnaval Tupiniquim” (Etti Paganucci e Gilson Soares), delicada descrição de um romance entre o Tupiniquim e a Guaninira, talvez uma releitura capixaba do “Pierrot Apaixonado” de Noel, aparentemente com final infeliz (ou então a letra se refere a um amor platônico, o que não deixa de ser uma possibilidade bem interessante). “Fantasia de Obama” ficou em segundo lugar e, em terceiro, “Quem não chora não ama”, marchinha de Chico Lessa que bebe – ou melhor, mama – na lendária “Marcha do Cordão do Bola Preta”, de Nelson Barbosa e Vicente Paiva, declarada Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro.

Independentemente da colocação, todas as finalistas do concurso estarão no CD, gravado ao vivo, no dia da final, com previsão de lançamento para dezembro. O público então poderá se divertir com a “Marchinha do cangote”, divertidíssimo híbrido de marcha-frevo sobre o velhote louco para dar uma cheiradinha no cangote, pois “há mais de 20 anos que a cobra não dá bote”. Ou apreciar a bela voz de Amélia Barretto na marcha-exaltação “O

José Roberto Santos Neves

santo espírito da marchinha”, parceria com Gustavo Macaco que elenca as belezas do Espírito Santo. Encontrará também o romantismo de “Imensidão” (Horácio Pessoa), a nostalgia de “Na Capixaba” (Marcus Trancoso), a cadência da marcha-rancho “Deixa cair” (Flávio Marão e Juliano “Rabujah” Machado) e a exaltação à Capital “Vitória, o meu destino é te navegar” (Pedro de Alcântara). E, já que estamos falando em orgulho capixaba, a coordenação do concurso enriquece a memória cultural do Estado ao incluir na seleção do CD a marchinha “Xô, perereca”, de Milson Henriques, homenagem àquele que há pelo menos cinco décadas permanece fiel à missão de brindar o público com sua arte, seja para fazer rir, seja para emocionar.